

ocorrem em escala mundial. A oferta de bens de consumo maior do que as demandas; clientes cada vez mais exigentes, ávidos por novidades e por produtos que possuam atributos subjetivos, que emocionem; são apenas mais alguns.

Contribui [08], que o mundo contemporâneo é aberto, globalizado e colaborativo. Por lógica, e porque o design é um produto diretamente atrelado à economia, este processo começou a ser repensado. Este fato altera paradigmas que já se pensavam consolidado.

Assim, a atividade atinge visibilidade e pode divulgar sua capacidade de impulsionar a economia nacional pela competência dos designers em inovar produtos e processos.

ECONOMIA E UMA ABORDAGEM NA SUSTENTABILIDADE

O congresso P&D-Design, apresenta em sua estrutura organizacional a divisão em eixos temáticos, sendo que em suas edições existem inclusão, exclusão e criação destes, assim, os estudos realizados com a bibliometria permitiram observar que foi no eixo de sustentabilidade e/ou eco design que se concentrou maior índice de artigos que trataram da temática da economia. Pautando-se assim na relevância deste resultado, apresentam-se autores, no qual indicam que é possível os designers com as ações projetais, colaborarem no construto de seus projetos com a economia pelo viés da sustentabilidade.

A Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, criada pela Organização das Nações Unidas, publicou, em 1987, um relatório que introduziu pela primeira vez o conceito de desenvolvimento sustentável: "um crescimento para todos, assegurando ao mesmo tempo a preservação dos recursos para as futuras gerações...", integrando o meio ambiente com o futuro econômico, social e cultural das sociedades [11].

A abrangência da questão da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável é colocada também pelos autores [12], que discorrem sobre o fato de que uma sociedade sustentável só é possível a partir de descontinuidades sistêmicas que atinjam contemporaneamente todos os níveis e dimensões desta.

Assim, compreende-se que neste pensamento, onde é contínuo o produzir, comprar e descartar; faz-se necessário a descontinuidade deste sistema.

A transversalidade aplica-se claramente na questão da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável. Portanto, ao se pensar a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável, faz-se necessário um pensamento não linear; faz-se necessário um pensamento sistêmico, complexo.

Segundo [11], "é nessa altura que o designer se distingue, porque seu papel pode ser transversal, integrador e dinâmico entre ecologia e concepção de produtos, inovações econômicas e tecnológicas, necessidades e novos hábitos.". É claro que o papel do consumidor é fundamental para o sucesso da sustentabilidade, contudo, ainda segundo o autor, a empresa – e consequentemente o design e o designer – representa a escala mais eficiente para a introdução de mudanças fundamentais nas modalidades de consumo.

Afinal, as empresas são atores sociais, e de acordo com os autores [12], por mais que cada indivíduo legitime a existência de um produto e/ou serviço ao fazer escolha dele, não se deve responsabilizar somente o consumidor, pois suas escolhas são condicionadas por uma multiplicidade de fatores.

Para que se alcance um design sustentável, [13], afirma que é necessário considerar o tripé da sustentabilidade. Nesta perspectiva [14], diz que uma empresa pode ser considerada sustentável ao se concentrar em um padrão de pensar e fazer negócios baseado na efetivação do *Triple bottom line*¹, o tripé da sustentabilidade. Assim, estes atuam na configuração dos resultados econômico-financeiros, sociais e ambientais.

Justifica-se, assim, amparado pelas indicações deste tópico, a significância do índice apresentado de artigos que abordam a

¹ *Triple bottom line*, é o termo utilizado para refletir um conjunto de valores, objetivos e processos em que a sociedade depende da economia e que a economia depende do ecossistema global. (ALMEILDA, Fernando. O bom negócio da sustentabilidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002)